

Cultura Tributo a Clint Eastwood no Leffest

“O meu pai é muito mais descontraído do que o que se vê nos filmes”

Kyle Eastwood Diante da retrospectiva em curso no Leffest, o filho do realizador guia-nos através das metamorfoses desta *persona* central do cinema americano

Entrevista

Luís Miguel Oliveira

Um dos pontos altos desta edição do Leffest – Lisboa Film Festival, que se desenrola até ao próximo dia 19, é uma secção retrospectiva dedicada à obra de Clint Eastwood como realizador. Mostra-se um total de 24 filmes, que inclui todos os títulos posteriores à grande operação organizada pela Cinemateca em 2008 (portanto, de *Gran Torino* em diante), e uma selecção da obra anterior, que inclui vários dos seus títulos mais célebres e mais discutidos, de *O Rebelde do Kansas* a *Imperdoável*.

Ocasão para uma breve conversa com Kyle Eastwood (n. 1968), filho de Clint, músico de profissão, colaborador do pai em diversos momentos (na condição de músico, mas também como actor), e que estará em Lisboa para apresentar algumas sessões. Como é que um filho vê a obra de um pai, como é que uma pessoa com acesso ao Clint da “vida real” vê as projecções da sua personalidade disseminadas por tantos filmes? Esta era uma das questões da conversa, que Kyle resume lapidarmente: o pai é o oposto “daquela ânsia toda, daquela severidade toda”.

O seu pai está em pleno trabalho, a preparar um filme chamado *Juror Number 2*. O que sabe deste projecto? Ele costuma falar consigo sobre os filmes que faz? Ele contou-me a história em traços gerais, mas do filme em si, de facto, não sei muito. Na verdade, ele está parado agora, por causa da greve dos actores [desconvocada depois desta conversa]. Mas tem tudo pronto para recomeçar a filmar.

Trabalhou com ele em vários filmes, como músico e nalguns casos como actor. Quão fácil ou difícil é para um filho de Clint Eastwood trabalhar com ele?

Oh, sempre gostei, sempre me diverti. Cresci a vê-lo fazer filmes, portanto formei uma boa ideia de como ele gosta de trabalhar. Gostei sempre da experiência.

Também deve ter crescido a vê-lo encarnar todas aquelas personagens, às vezes muito agrestes. Quando era criança, era fácil distinguir entre o Clint dos filmes e o Clint da vida real?

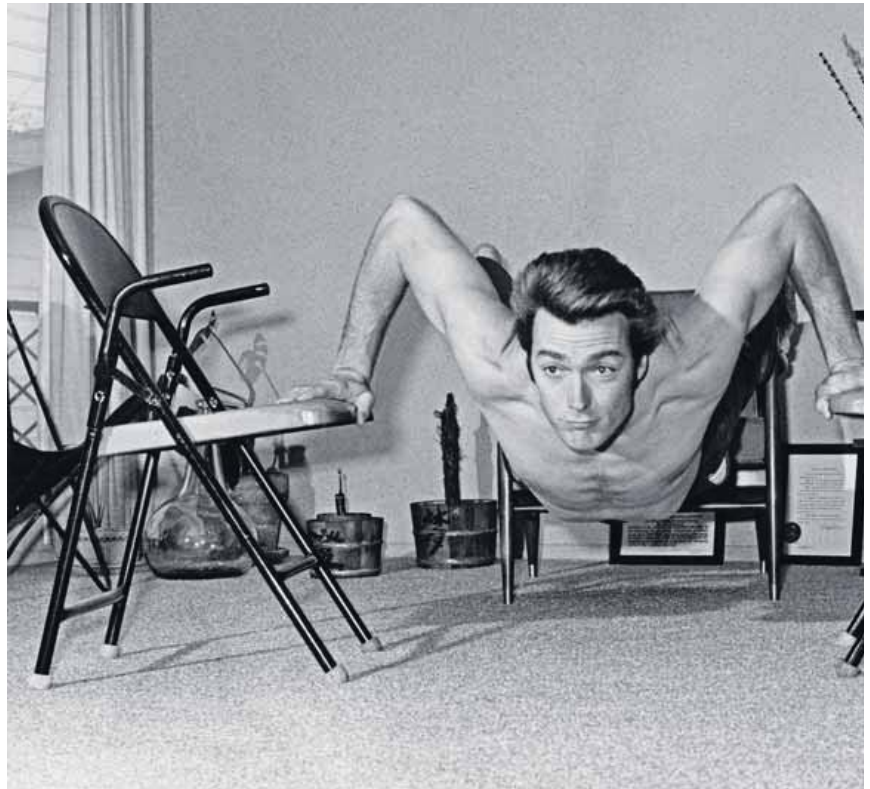
Acho que sim. Há certamente aspectos da personalidade dele que estão espalhados pelas personagens, mas de um modo geral o meu pai é uma pessoa muito mais descontraída do que a que se vê nos filmes. Não há confusão possível.

Tem até certo gozo, imagina-se, em construir personagens que se afastem ao máximo do que é na realidade, não?

Certamente. Aliás, a maioria dos actores é assim, creio. Gostam de ser outros, de inventar outras personalidades.

Mas ele faz isso com uma certa perversidade na relação com o espectador. Insiste em personagens que começam por parecer muito ásperas, desagradáveis, e o tempo do filme é o tempo para desmontar essa impressão inicial. É um jogo em que ele é mestre. *Gran Torino*, por exemplo.

Sim, sim. Mas ele já gostava disso mesmo antes de realizar. Aquelas personagens dos *westerns*, por exemplo. Sempre o “anti-herói”, à falta de melhor palavra, sempre personagens que não são um depósito de virtudes. Assim como



Clint Eastwood na década de 1960 e no seu último filme, *Cry Macho* — *A Redenção*, de 2021: o seu filho e colaborador habitual, Kyle (na foto da direita), diz que a pessoa e a *persona* cinematográfica são substancialmente diferentes

gosta de tocar assuntos um tanto sombrios. Isso também ajuda a compor essa impressão.

Em muitos artistas, de qualquer área, a atracção pela sombra é uma forma de lidar com a sua própria sombra interior, de a esconjuram. Acha que o seu pai faz isso? Que há demónios interiores que o cinema serve para pôr na ordem?

Muito provavelmente, sim. Acho muitíssimo natural que seja assim. E esses demónios, esse “lado escuro”, as pessoas próximas dele conseguem vislumbrá-los? Não sei, para ser franco. Ele habitualmente é uma companhia



muito divertida, é muito fácil estar com ele, não é de todo como as personagens que os filmes dão. Gosta de se rir, tem um grande sentido de humor. E isto é o que eu vejo. Talvez, de todas as personagens que interpretou, a que se aproxime mais da sua personalidade seja a de *As Pontes de Madison County*.

Por acaso, era o meu palpite...

Para a personagem mais afastada, também tenho um: o *Dirty Harry* Callahan. Acerto? Sim, possivelmente. Quer dizer, também no *Dirty Harry* há uns vislumbres da personalidade dele, mas ele é o contrário daquela ânsia



toda, daquela severidade toda. Por acaso, embora não tenha realizado nenhum, os quatro filmes iniciais com Dirty Harry, não contando com a adenda de *Na Lista do Assassino* (1988), são feitos a escavar a distância para a personagem. Quando chegamos a *Perigo Súbito* (1984), já estamos numa paródia sinistra, nenhuma proximidade é possível...

Acho que tem razão. De certa forma, também é assim que vejo esses filmes. O meu preferido é o primeiro (*A Fúria da Razão*, de Don Siegel, 1971), mas concordo que ele pegou nessa personagem para a levar para outro sítio nos filmes seguintes.

Embora não seja realizado por ele, toca um tema que me parece fundamental: a relação com a lei, e sobretudo com a inoperância da lei. Está em muitos filmes do seu pai, além de ser um tema crucial na história do western...

Sim, certamente. Concordo, é um tema que o ocupou muitas vezes. E a frustração em torno disso, que é o que leva à justiça por conta própria, por cima da lei. Que pode ser vista de várias maneiras, é uma coisa muito ambígua.

Ambígua, de facto. Já passou um bocadinho de moda, mas ainda se encontra de vez em quando a ideia de que Clint Eastwood é

um cineasta fascista, ou que faz filmes fascistas. Vejo o contrário, um cineasta que faz filmes sobre a frustração de uma democracia perra, cujas instituições estão encravadas, inoperantes. O fascismo nunca vem como resposta, nem como proposta.

Isso era nos anos 70, lembro-me bem de ler uma quantidade de coisas a dizer que o meu pai era um fascista. Vem muito do Dirty Harry, penso, até porque a polícia americana tinha uma péssima reputação na altura, enfim, não é que hoje tenha uma reputação muito melhor... Mas concordo, acho que nunca se tratou de uma defesa de um poder discricionário da polícia, à margem da lei. Não está a propor isso, está a expor uma engrenagem, um sistema, ou como se lhe quiser chamar, que falha ante aqueles a quem não devia falhar, e que não protege quem devia proteger, os mais fracos, as vítimas. Seja por corrupção, seja por outra coisa qualquer. A frustração perante isso, perante a injustiça, está certamente em muitos filmes do meu pai.

Outra coisa que se tornou um tema a partir de certa altura foi o envelhecimento dele. Há essa coisa extraordinária de ele ter passado dos 30 aos 90 anos sempre à nossa frente, mas a partir de um ponto isso começou a ser integrado nos filmes. O *Imperdoável*, por exemplo: o corpo já não responde tão bem, as coisas custam mais a fazer, há uma inércia maior a vencer...

Por acaso esse era um argumento que ele já queria filmar há muitos anos. Eu ainda era miúdo e ele já me falava dessa história. Mas, sim, é verdade, e nesse caso concreto ele esperou até ao momento certo para fazer o filme e ter a idade certa para o papel. Pelo menos uns 20 anos de espera.

Herdou o gosto pela música do seu pai, mas não a vontade de fazer cinema?

Bem, na verdade, houve uma altura em que pensei seriamente em fazer filmes. Acabei por escolher a música, mas adoro cinema, e tiro satisfação deste envolvimento pontual em filmes. Mas a música é o meu número um. **Gosta dos filmes musicais do seu pai, como *Bird*?**

Adoro. E é uma coisa muito pessoal para ele. Uma das experiências marcantes, de que está sempre a falar, foi ter visto uma actuação do Charlie Parker, quando tinha 17 ou 18 anos.

Ele fez 93 há pouco. Nunca fala em reformar-se?

Ainda não! Não sei quantos filmes ele fará ainda, se calhar este até pode ser o último, ninguém sabe. Mas ele adora isto, foi o que manteve vivo, jovem e feliz por tantos anos.